



O CONSELHO DE DEFESA DA UNIÃO DE NAÇÕES SUL-AMERICANAS NO CONTEXTO DO COMPLEXO REGIONAL DE SEGURANÇA SUL-AMERICANO

Martino Gabriel Musumeci
Universidade de São Paulo – São Paulo, SP.

RESUMO: Este breve artigo contribui para a análise da Defesa Nacional enquanto tema presente na agenda recente da diplomacia multilateral regional brasileira, pois procura identificar as características do Conselho de Defesa da União de Nações Sul-Americanas (CD-UNASUL), traçar suas motivações originais e considerar seu histórico de atuação desde sua recente concepção até o presente momento, a fim de contextualizá-lo enquanto elemento componente do Complexo Regional de Segurança (CRS) sul-americano. O conceito de CRS se baseia na teoria conhecida como Escola de Copenhague, a qual fornece uma metodologia precisa e reconhecida pelas comunidades acadêmicas em todo o mundo para considerar as lógicas de segurança e defesa entre países, especialmente no âmbito regional. O trabalho fornece dados e interpretações que permitem inserir o Conselho de Defesa da UNASUL como parte da análise desses entendimentos e objetivos compartilhados entre as nações sul-americanas.

INTRODUÇÃO – UNASUL

O Conselho Sul-Americano de Defesa (CD) foi um dos principais órgãos visionados na concepção da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL), fórum de concertação política regional formado em finais de 2004 a partir da reunião de chefes de Estado do subcontinente americano. Já as declarações de Cusco e Ayacucho, documentos fundacionais da UNASUL, mencionam compromissos e ideais diretamente relacionados a questões de segurança e defesa, como os de estabelecer a zona de paz sul-americana, salvaguardar a integridade territorial e prezar pela segurança entre seus Estados, recorrer à solução pacífica de controvérsias e ao direito internacional para compor tensões intrarregionais, entre outros.

Além desses propósitos claramente ligados às noções mais tradicionais de defesa, também são apresentados como fatores para a manutenção da segurança internacional certos assuntos de outras áreas,



considerados como essenciais para a estabilidade regional, como a manutenção da

democracia multilateral e a promoção do desenvolvimento nos campos econômico e social. Os teóricos da chamada Escola de Copenhague chamam esse processo de identificação de variados setores como parte da agenda de segurança entre Estados de “securitização”, ou seja, a concepção de determinados temas como prioritários e urgentes, devendo receber alta atenção e medidas práticas que assegurem a sua sobrevivência.¹

O CONSELHO SUL-AMERICANO DE DEFESA

Compartilhando tais identidades e propósitos, os países membros da UNASUL aprovaram a criação, em dezembro de 2008, do Conselho Sul-Americano de Defesa, como um “órgão de consulta, cooperação e coordenação em matéria de Defesa”, conforme explica a declaração referente, assinada em Salvador, na Bahia. Entre os objetivos gerais expostos nesse documento, é interessante lembrar alguns, como a construção de “uma identidade sul-americana em matéria de defesa” e a geração de “consensos para fortalecer a cooperação regional em matéria de defesa”.

Já na lista dos objetivos específicos, contida na mesma declaração, constam assuntos como “discussão dos elementos comuns de uma visão conjunta em matéria de defesa”, compartilhamento de informações para identificar fatores de risco e ameaça à região, “adoção de medidas de fomento e confiança” e o intercâmbio regional de variados tipos de experiências relacionadas a esse campo.

Apesar das dificuldades iniciais do seu estabelecimento, o CD já teve de enfrentar, em seu curto período de existência, tensões notórias entre seus membros. O exemplo que ficou mais conhecido foi a questão do uso de bases na Colômbia por forças norte-americanas: em novembro de 2009, após tentativas pouco recompensadoras de discussão entre os presidentes nas reuniões da UNASUL, os Ministros de Defesa se reuniram extraordinariamente no CD a fim de dedicar-se ao tratamento do problema e amenizaram a situação, muito embora o resultado de tal encontro tenha sido considerado tímido por certos observadores.

O CD-UNASUL NO COMPLEXO REGIONAL DE SEGURANÇA SUL-AMERICANO

Mesmo que sua experiência prática ainda seja muito reduzida para permitir uma avaliação interpretativa consistente, é possível considerar, tanto por suas intenções quanto por sua atuação, que o Conselho de Defesa vem se afirmando como elemento imprescindível da análise das questões de segurança no continente sul-americano.

De fato, a breve exposição de suas características feita acima permite contá-lo como uma peça importante no conjunto do Complexo Regional de Segurança do subcontinente: segundo os autores da Escola de Copenhague, existe um CRS quando os processos de securitização de suas unidades são tão interligados que seus problemas não podem ser resolvidos ou analisados



separadamente. De acordo, o CRS é delineado segundo padrões

duráveis de amizade e inimizade que se manifestam sob a forma de interdependência em segurança, dados em âmbito regional geograficamente coerente.¹

Os documentos aprovados, como a Declaração de Santiago, de março de 2009, já se revelam promissores para confirmar tais percepções, na medida em que os Ministros de cada país aí declaram metas conjuntas em um nível sem precedentes, inclusive quanto a áreas outrora consideradas sensíveis e alheias à negociação diplomática multilateral. A esse respeito, vale citar a cooperação militar que prevê a consecução de exercícios conjuntos entre forças, o inventariamento das capacidades de defesa dos membros, o diagnóstico e a promoção de iniciativas em matéria de indústria e tecnologia de defesa com vistas à complementaridade mútua, entre outros.

CONCLUSÃO

Os pesquisadores, formuladores de políticas e operadores de segurança e defesa das nações devem ter sua atenção diligentemente voltada para os acontecimentos que marcaram as atividades futuras da UNASUL e seu Conselho de Defesa, pois elas refletirão compreensões e expectativas fundamentais para as dinâmicas da região, conforme se espera do adensamento de um Complexo Regional de Segurança como se observa cada vez mais robusto na América do Sul.